

Escrever, você escuta
alguma coisa.

É um compromisso com
a relação da literatura
da minha vida...

Coloco o que escrevo,
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever parte
de uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante é
a minha relação com a escrita

e com os meus leitores.

Para andar, basta colocar
um pé depois do outro.

Um pé depois do outro.

Não é complicado.
Não é difícil.

Dá para ter em mente
pequenas metas:

primeiro só a esquina.

Aquele sinal com a faixa
de pedestres e o homem
esperando para atravessar

com um
guarda-chuva transparente

e um cachorro de capa amarela.

O cachorro parece um labrador
e olha para mim quando
me aproximo.

Tem uma cara afável. Somos
ocidentais nós dois, amigo.

Se bem que você talvez
tenha nascido aqui, não é?

Nasceu?
No canil de um criador?

Claro, onde mais,
você me responde,

com a paciência dos labradores.

Eu não nasci aqui.
Não sei se você está
muito interessado em saber.

Sou do outro lado do planeta.

Pode-se dizer que vim escondida
dentro da bagagem
de outra pessoa.

Quando eu me formei
na faculdade,

eu estudei música e comecei
a trabalhar com música,

e a música é uma atividade
que consome muito tempo, né?

Eu era instrumentista, então,
tinha todo um tempo

que eu precisava dedicar
ao instrumento, de estudos,

de ensaios, de aulas que
eu dava e tudo mais.

Então, aquele espacinho sagrado
que eu sempre tinha tido,

que vinha me acompanhando
desde pequena,

que era o espaço da escrita,
ele deixou de existir
na minha vida,

eu já não tinha mais
tempo para aquilo.

E eu fui ficando muito infeliz,
me fazia muita falta.

Então, foi nesse momento
que eu falei:

"Bem, eu acho que se está
me fazendo tanta falta assim,

por que não então eu tentar
me tornar uma
escritora profissional

para que eu possa ter esse
tempo oficialmente na minha
vida, por assim dizer".

Eu acredito que escrever
é um ofício, é um trabalho.

Acho que existe uma
certa tendência a achar

que o trabalho da escrita
ou qualquer trabalho com arte

que ele não se confunde
com o trabalho, né,

ou com o labor, eu penso
diferente disso.

Acho que o trabalho artístico
ou o trabalho literário,

ele é um trabalho, sim,
com todas as letras.

Não basta você ter inspirações,
não basta voc ter...

se você precisa sentar
e trabalhar.

O escritor Moacyr Scliar
costuma dizer que

escrever é reescrever,
então, a gente,

para cada uma página
que você escreve,

você passa semanas, s vezes,
reescrevendo,
trabalhando em cima,

então, eu acho esse lado
do ofício mesmo,

esse lado do trabalho,
esse lado da escrita,

como, sabe?, como trabalho
mesmo, como labor,

um lado muito importante
de ser destacado.

Para mim, sempre foi assim,

a minha relação com a escrita

sempre foi uma relação
muito de trabalho e acho

que momentos marcantes
que eu poderia destacar
da minha carreira,

acho que, claro, o mais
marcante talvez tenha sido

o dia que me telefonaram
e falaram: "A gente resolveu
publicar o seu livro."

O meu primeiro livro, que era
algo, assim, também, que eu

mandei os meus originais
um pouco sem saber
o que ia acontecer,

e foi muito surpreendente para
mim receber aquele telefonema,

e é interessante olhar para
esse momento também hoje,

porque eu achava que aquilo
ali já era o fim da linha.

Eu não sabia que era
apenas o começo, né?

E que o todo o trabalho árduo
iria vir a partir dali.

Então, talvez, seja o momento
mais marcante de todos.

Eu acho que muitas vezes
o livro acha a gente, sim,

eu acho que quando você,

eu, pelo menos,
começo a escrever um livro,
é como se...

se você colocasse uma
espécie de antena parabólica

e você fica mais perceptível,
mais sensível do que o normal.

Eu não gosto muito
de escrever sobre mim,

para falar em poucas palavras,
acontece de eu
observar situações,

alguém me conta uma história,
aí eu acho bacana, coloco lá.

Vejo uma coisa que
aconteceu de fato,

acho bacana, coloco lá.

Eu sempre considerei
a minha obra como sendo visual.

Aquilo que eu vejo é
de suma importância,

eu tendo a escrever muito
sobre os lugares

que eu estou vendo e
que eu estou vivendo,

eu tenho dificuldade de
escrever sobre lugares

que eu não conheço,
já aconteceu de eu escrever,

mas para mim é muito difícil.

Eu preciso fazer um exercício,
assim,

às vezes, eu vou procurar até
fotos para poder me ambientar.

Eu acho que eu sempre escrevo
de formas diferentes,

acho que de um livro
para o outro muda,

mas eu me reconheço
em todos os livros.

Claro, que se eu pegar um livro
meu escrito há dez anos,

e eu vejo coisas, assim,
que hoje eu faria diferente.

Mas o que eu escrevo hoje,
daqui a cinco anos

eu também acho que
faria diferente.

Eu acho bom que mude,
eu não gostaria de ser

uma escritora que escrevesse
o mesmo livro várias vezes.

Então, eu acho interessante
buscar não apenas
temas diferentes,

mas eu tenho uma
preocupação de, por exemplo,

se num determinado livro
eu trabalhei mais com um
personagem feminino,

no livro seguinte tentar

trabalhar um
personagem masculino.

Se foi uma criança, então,
que seja uma pessoa mais velha.

Quando você escreve ficção,
você está inventando.

E eu posso ser tantas coisas,
eu posso ser qualquer coisa.

Eu posso ser um menino,
eu posso ser um velho,

eu posso ser uma criança,
eu posso ser um extraterrestre,

eu posso ser um
imperador romano,

eu posso ser absolutamente
qualquer coisa.

Então, para que eu
vou ser eu mesma

se eu já tenho que ser
na minha vida cotidiana?

Então, para mim,
o grande barato da ficção

é você poder sair de si
e experimentar o que é ser,

o que é estar na pele
de outras possíveis pessoas.

Uma coisa que tem
um peso muito grande,

uma importância muito grande
na minha atividade da escrita

são os lugares. São
os lugares onde eu moro,

os lugares por onde eu passo,
então,

acho que daí o meu interesse
por viajar sempre que possível.

Eu acho que a gente conhecer
lugares novos e culturas novas,

e ver pessoas diferentes
que têm hábitos diferentes

são coisas que sempre
abrem muito a cabeça

e, para mim,
me dão muitas ideias.

"Azul-Corvo" é um romance
que mistura

um pouco da minha experiência
de imigrante

nos Estados Unidos,

mas em dois estados
que são pouco falados,

que é o Novo México
e o Colorado,

que são dois estados
do oeste americano

não muito conhecidos
dos brasileiros, pelo menos,

e é um livro que também
tem uma passagem

grande importante no livro

pela história
da Guerrilha do Araguaia.

Essa experiência da gente
se mudar,

ela faz com que a gente
reconsidere uma
série de coisas.

Então, cada mudança dessas,
ela faz com que a gente

reveja a própria vida e
os próprios interesses

e aquilo que tem significado
e aquilo que é essencial

e aquilo que não é, acho que
essa categoria do essencial,

ela fica muito reexaminada,

a gente aprende a questionar
o que é efetivamente

essencial na vida
e o que não é.

E eu acho que na escrita
isso se traduz.

Ser estrangeiro faz com
que você olhe com olhos

diferente para aquele lugar
onde você está morando
como estrangeiro,

porque você não é local, porque
você não domina a cultura,

porque você não conhece
os códigos, muitas vezes,

não conhece a língua
nem nada.

Então, esse lugar que é,
assim, meio

entre duas situações diferentes,

ele é muito rico, eu acho,
de ideias,

de experiências, e tudo isso

na hora de criar,
na hora de fazer literatura,

eu acho que tem um potencial
muito, muito bom.

Eu acho que, para a gente,
é um pouco difícil avaliar

o próprio trabalho,
até quando você acaba
de escrever um livro,

se for um romance, por exemplo,
uma coisa que você passou,

às vezes, dois trs anos
da vida envolvido,

convivendo com aquilo
todos os dias, é como

se você tivesse vendo
o seu filho crescer,

mas você está vendo todo
dia, então voc não sabe
muito bem,

você não tem a exata noção
do que está acontecendo,

de repente, alguém que não
vê um tempão olha e fala:

"Nossa, mas como cresceu".

E, aí, você fala:

"Puxa, é mesmo".

Eu acho que com os livros
que a gente escreve, assim,

mais a longo prazo,
isso acontece um pouco.

Então, ou eu tenho que
ter um tempo longo

afastada do livro ou,
então, esse recurso

de pedir para gente que
você confia,

e gente que eu confio não
são necessariamente escritores,

nem pessoas da área literária
nem nada disso,

mas são pessoas que eu
sei que vão me dar

dicas legais ou palpites legais
como leitores.

Leitores atenciosos.

A primeira experiência que
eu tenho, assim,

importante, eu diria,
de leitura,

foi quando eu tinha 14 anos

e eu ganhei do meu namorado,
meu primeiro namorado

me deu de presente "Memórias
Póstumas de Brás Cubas",

do Machado de Assis.

E eu estava acostumada com
outros tipos de livros e tal,

eu lia aqueles livros mais
voltados pro público infantil.

E quando eu abri aquele livro
e comecei a ler aquela história,

para mim, foi uma revelação,

foi incrível descobrir
que aquele tipo de coisa

era feito, ou tinha sido feito
em algum momento,

mas que aquilo existia.
Foi uma coisa reveladora,

eu acho que foi quando
o meu interesse por leitura

começou a se encaminhar
para uma outra...

para uma outra área.
Eu acho que o Machado de Assis

foi para mim,
durante muito tempo,

uma leitura obrigatória.

Eu acho que, muitas vezes,
os autores que a gente lê

e que marcam, eles não
necessariamente aparecem

como influências visíveis
naquilo que a gente escreve.

Eu leio muita poesia,
sim, também, desde sempre,

como você falou, eu tenho
um livro que é

explicitamente influenciado,
é um romance escrito

a partir de poemas
do Manuel Bandeira,

tenho esse outro livro que
é escrito a partir de poemas

de um poeta japonês, então,
eu acho que a poesia

é uma coisa que está sempre,
assim, como eu não sei
escrever poesia,

eu fico escrevendo prosa
a partir de poesia,

ou a partir da leitura
de poetas.

Eu acho que a poesia ensina
a gente

a ter uma tensão quase que
com uma lente de aumento

sobre o texto, o poeta,
ele precisa, ele sabe

o que cada palavra,
o que cada vírgula,

onde ele separa um verso
do outro, tudo aquilo

faz diferença. Então,
é uma preocupação

que eu tenho também quando
eu escrevo os meus textos

embora eles sejam prosa,
não sejam poesia,

mas essa tensão mínima,
pequena para cada detalhe,

para cada elemento do texto,
acho que por causa disso

eu reescrevo tanto, e por
causa disso eu também tenho

essa ideia de que é um
trabalho, porque é trabalhoso,

no sentido mais físico
mesmo da palavra.



Mas a gente sabe
que é muito difícil

viver só de escrita no Brasil,
eu conheço...

eu acho que eu só conheço
um escritor que vive

exclusivamente daquilo
que ele faz.

A gente tenta encontrar

coisas correlatas, então,
alguns trabalham como
revisores, como tradutores,
como... sei lá, dão oficinas,
quer dizer, às vezes,
são professores de literatura,

trabalham na área,
no âmbito da literatura,
mas não com direito autoral.

Além de ser difícil,
é pouco previsível.

Uma coisa que pode acontecer
e vem um dinheiro

que você não estava esperando
e "Ah, que ótimo",

e outra coisa que não vem nada,
aí, você...

então, esse trabalho com
a tradução, ele é uma forma

de ter pelo menos uma previsão
de como que a minha vida,

de como eu vou fazer para
pagar as minhas contas.

É mais ou menos isso.
É um trabalho que
eu gosto de fazer,

mas, como eu estava te dizendo,
eu faria menos,
se fosse possível.



Eu trabalho como tradutora
mais ou menos

desde quando eu comecei
a publicar,

eu comecei a publicar
em 1999 e comecei a traduzir

um ano depois. Eu traduzo,
praticamente sempre literatura,

já fiz traduções de alguns
autores que eu gostei bastante

de ter feito,
autores contemporâneos

que eu considero importantes.

E autores, muitas vezes,
que têm

um texto muito diferente
do meu.

O texto que você traduz
não precisa ser

o texto que você
necessariamente escreveria.

Aí, eu acho que está a humildade
que o tradutor tem que ter.

Você não pode traduzir
o livro como se fosse seu,

ele não é seu. Você tem
que ser quase que

um papel carbono,
assim,

que a coisa vai carimbar
de um lado e você vai
devolver do outro

num outro idioma.
Fazendo aquilo que for
necessário de concessões

no processo, que sempre
são necessárias,

a gente sempre trai um pouco
o original na tradução,

mas precisa trair o mínimo,
eu acho.

Então, esse trabalho,
além de ele me colocar

em contato com textos de
escritores que são
muito diferentes

daquilo que eu faço,
do trabalho que eu faço,

ele também exige, eu acho
que comparando um pouco

até com a atividade do poeta,
ele também exige um olhar

muito para o microscópico,
para o minúsculo do texto.

Existe uma questão toda
de rimas internas,

e de ritmos de frase,
de coisas que você aprende
a ficar esperto para evitar.

E eu acho que isso
dá um manejo da língua,

assim, bem interessante.

Eu tive algumas
experiências boas,

outras experiências menos boas,
uma coisa que é curiosa,

de ser traduzida para uma
língua que eu não sou capaz
de ler,

como o sueco, por exemplo,

de eu não ter condições
de avaliar

se aquela tradução está legal
ou não, como é que ela é

ou de ter o livro traduzido
para línguas não latinas,

como o inglês, por exemplo,
que é uma língua que eu domino,

mas que eu sei que tem...

o ambiente do inglês é
bastante diferente do português.

Então, o livro precisa sofrer
certas, um pouco de edição,

algumas modificações,
então, acaba virando

quase que um outro livro.

Eu encaro as traduções
dos meus livros como

quase que como outros livros
diferente do original.

E aí cada um pode ser
bem-vindo,

alguns menos bem-vindos,
então, isso aí é muito
caso a caso.

Isso é uma questão
delicada à beça,

super controversa,
eles, de fato,

mexem para caramba, o meu
livro que foi traduzido lá,

o "Sinfonia em Branco", ele
perdeu 20% do texto original

no processo de edição.
E como foi a minha primeira
experiência de ser traduzida

para o inglês, eu não sabia
muito bem como me situar.

Existe lá um papel,
uma pessoa,

que é um coisa que a gente
não tem muito aqui no Brasil,

que é o editor, que não é
o editor que publica o livro,

mas é o editor que mexe
no livro,

é o editor que lê o livro
e chega para voc e fala:

"Isso aqui não está bom,
isso aqui devia vir para cá,
isso aqui não sei o que...",

quer dizer, é um cara
que às vezes chega lá e...

A argumentação da minha editora
lá nos Estados Unidos
foi a seguinte,

é um livro escrito
em português,

que é uma língua latina,
quando ele é traduzido

para o inglês, ele não funciona
muito bem.

Então, ele precisa ser mexido
porque o inglês

tem uma outra forma
de pensamento

e o livro fica, às vezes,
até meio brega,

fica excessivo,
latino-americano é excessivo,

a gente fala demais,
a gente escreve demais,

então, o livro precisa
ser podado.

Então, autor de
língua portuguesa e espanhola

quando vai para esses países
que não são de língua latina,

os textos são mexidos,
são cortados.

Para a gente, é muito difícil

porque a gente não sabe

se aquilo é bom ou não é.
Então, acabou acontecendo
o seguinte:

o texto teve essa poda toda,
eu gostei do resultado,

a escritora que eu sou hoje
teria feito um livro

um pouco mais enxuto, então,

o fato de enxugar o livro
um pouco não me desagradou.

Eu acho que é importante,

qualquer um que trabalhe
com criação,

seja escritores,
artistas plásticos, cineastas,

ou seja lá a linguagem
que for, a área que for,

eu acho que é importante
a gente não se repetir.

Eu acho importante que
a gente não faça sempre

o mesmo trabalho com
outras caras e outros nomes,

embora haja vários artistas,
escritores que
a gente reconheça,

que a gente lê um livro
e fala: "P, esse daqui é
do fulano de tal".

Ou vê um filme,
"P, isso daqui é tão típico
desse cineasta".

Mas eu acho importante
essa busca

ou essa preocupação
de ir sempre

um pouquinho mais além,
de sempre explorar

coisas não antes exploradas.

Eu escrevi um livro para
público juvenil chamado

"O Coração Às Vezes
Para de Bater".

Foi uma encomenda,
foi um livro escrito
por encomenda,

mas é um dos livros meus
que mais, assim, me deu
alegria de fazer.

Tempos depois, esse livro
foi adaptado pro cinema,

foi transformado num
filme de curta-metragem,

e para mim foi
uma experiência bacana

até por não ter sido eu
a pessoa

que fez a adaptação.
Eu não escrevi o roteiro
do filme, eu não escrevi nada.

Eu só fui lá ver, até fui
ver a filmagem um dia

e vi, depois, o filme pronto.
E foi interessante porque

a diretora, a Maria Camargo,
ela escreveu o roteiro

e dirigiu o filme, então,
é muito o olhar dela

sobre o livro, é muito...

embora seja bastante fiel,
não é meu trabalho,

é o trabalho dela,
mas é o trabalho dela
em cima do meu trabalho.

E, claro, que isso pode
deixar a gente, às vezes,

satisfeito ou não. Eu acho
que deve ser muito chato

quando a pessoa se sente
meio traída,

mas não foi o caso. No meu
caso, embora ela tenha

até modificado uma coisa
ou outra,

eu entendi perfeitamente
as modificações que ela fez,

achei que aquilo era uma
coisa que fazia sentido

na linguagem cinematográfica,
afinal, é uma outra linguagem,

não é livro, é cinema,
é outra coisa,

você precisa buscar
outras soluções.

Então, foi muito bacana,
muito interessante, para mim,

acompanhar esse trabalho.

[Narração do filme]
*Se não fosse o mar, eu não
teria conhecido a Paloma.*

*Ela não teria me dado
o skate,*

*e eu não teria conhecido
você.*

*E porque o mar é o começo
de tanta coisa,*

*pode ser o começo
disso aqui também.*

*Seja lá o que isso for.
Um carta para você?*

*Mas uma carta para ser
mesmo carta,*

*ela precisa ser lida,
não precisa?*

*Ou cartas podem ser cartas
mesmo que ninguém leia?*

Sei lá.

*Por enquanto só sei mesmo
de três coisas que quero,*

uma é a Paloma,

*a outra é o skate,
a velocidade do skate,*

*a terceira, acho,
é tentar entender.*

Demorou muito até eu
me interessar por ter um blog,

eu comecei a me interessar
quando eu fui obrigada
a ter um blog.

Eu nunca tinha feito um blog,
não tinha a menor ideia

de como que era, não sabia
mexer com aquilo,

e aí, eu comecei a fazer
e comecei a achar interessante

aquela ideia de você colocar
uma coisa meio assim,

você faz rápido, né?
Voc vai lá, tira uma foto,

já sobe a foto, põe lá,
escreve qualquer coisa e foi.

Isso foi ganhando uma
outra cara,

até pelas respostas
das pessoas,

e aí muita gente que comenta
e aí você v o que

que interessa às pessoas
discutir, né,

que tipo de espaço que

as pessoas estão buscando ali.

Eu acho que eu nunca
publiquei nada que

eu escrevesse,
trechos de romance

ou coisas em curso,
em processo,

usar o blog como suporte
de publicação.

Eu não sei muito bem
se isso funciona.

Eu, pessoalmente,
acho chato ler em computador,

eu acho que nada como você
ter o livro na mão.

Então, é isso que eu penso,

eu acho que o blog acabou
sendo um instrumento

de comunicação entre as
pessoas, de troca de ideias,

aqui e ali, mas eu acho que
saturou, a verdade é que
há blogs demais.

Mas, curiosamente, eu não sei
se também tem muita gente

navegando assim na internet,
de bobeira,

muitas pessoas chegam até
aquilo que eu escrevo,

as pessoas não chegam ao blog

através dos meus livros,

as pessoas chegam aos meus
livros através do meu blog.

Então, conhecem o meu blog
um dia, deixam um comentário:

"Ah, adorei o seu blog,
não conheço você,

nunca li nada seu,
vou procurar um livro seu".

Então, acaba tendo essa
coisa imediata, eu acho,

da internet, que você está
lá navegando e, por acaso,

você bate lá naquele blog
que, de outra forma,

a pessoa para encontrar
os meus livros,

teria que fazer o que?
Ir até uma livraria,

ir lá e olhar entre aquele monte
de livro que está lá disponível,

de repente, chegar em um,
folhear, se interessar, sei lá,

então, tem essa coisa mais
imediata, mesmo, da internet.

